

Expo. Matisse (contin.)

O que, entretanto, me pareceu prodigioso foi o que vi na sala seguinte. As duas maquettes da Capela dos Dominicanos de Vence não chegam a permitir que se avalie o que será na realidade esse grande trabalho que uma irmã enfermeira convenceu Matisse a fazer — e com tanta doçura e paciência que o levou a ir vestindo sua Virgem, primitivamente nua...

Anedota verídica e singular em que o velho pintor aparece um pouco teimoso em querer exprimir pela nudez a mais perfeita pureza. Mas entre outros quadros feitos com recortes de papel de cores colados há um que me encantou. Tem dois metros e tanto de altura por um e tanto de largura, e apresenta uma mulher de pé, cada mão apodada a uma mezinha. Está datado de 1950. É espantoso que um octogenário tenha produzido essa obra prima de esplendor juvenil. Um ou outro traço de desenho, leves e raros retoques a pincel — e essa figura em cores vivas se planta em nossa frente com uma indescritível, luminosa sensualidade.

Dei uma rodada pela sala de escultura, mas não pude concentrar meu interesse naqueles bronzes escuros.

Julho 50

Uma exposição de Matisse

Correspondência

1932
PARIS (Via Panai) — Tive uma impressão triste quando entrei na exposição de Matisse, na Maison de La Pensée Française. Na primeira sala há uma porção de desenhos datados de abril e maio de 1950: caras de mulher, às vezes um torso, um pedaço de corpo. Desenhos grandes, de mais de meio metro de altura, em traços grossos de nanquim, a pincel; me disseram que ele prende o pincel na ponta de uma vara para fazer isso. Fiquei triste porque, como toda gente, conheço de longa data essas caras e corpos em linhas simples, ritmo limpo que ele inventou e que domina hoje os olhos e as mãos de mil jovens pintores. Mas no fim de dezenas de anos fazer a mesma coisa e sem a mesma certeza feliz, fazer a mesma coisa de um modo levemente grosseiro, fazer a mesma coisa e não fazer mais tão bem — isso me pareceu uma prova de que os oitenta e um anos de idade tinham afinal (o que é abundantemente compreensível) pesado sobre essa mão de anjo e de sábio. Na mesma saleta outros desenhos a Fusain, datados de 1946, eram infinitamente mais belos: mulher nua apoiada sobre os cotovelos, o queixo na mão direita — que força e graça nesses braços, nessa anca, em tudo! — Uma dançarina sentada, uma jovem de blusa, essa mulher de vestido de quadradinhos (1939) as pernas cruzadas, o belo braço esquerdo apoiado na coxa...



Esta «Jenne fille en Rose grise», pintada em 1942, forma ao lado de outros quadros «o jardim de Matine», um dos milagres da França

Na sala seguinte nada poderia mudar minha impressão, mas eu a esqueci. E' que ali estavam alguns dos mais belos quadros a óleo pintados neste meio

século. A partir do impressionismo de uma natureza morta de 1896 e mais dois ou três quadros, passando pelo pontilhismo de 1903, vem tudo crescendo em beleza. Essa mulher que olha o mar de uma janela em 1918, essa deliciosa janela de Nice de 1919, uma espanhola de 1921, uma odalisca (das mais belas desse extraordinário sultão, o mais rico de todos os tempos) de 1928 e toda uma série de moças sentadas, de naturezas mortas chelas da mais doce vida, dão o testemunho de trinta anos de felizes aventuras no desenho e na cor. Aquil estão algumas flores disso que Aragon chama no prefácio "o jardim de Matisse", um dos milagres da França.